PNUM 2016

REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA

Centro Cultural Vila Flor, Guimarães
Julho 15-16, 2016

PORTUGUESE LANGUAGE NETWORK of URBAN MORPHOLOGY

OS ESPAÇOS DA MORFOLOGIA URBANA

ATAS DA 5ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DA REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA

PNUM 2016

V Conferência
Rede Lusófona de Morfologia Urbana
Portuguese-language Network of Urban Morphology

Os Espaços da Morfologia Urbana

15 - 16 Julho 2016
Centro Cultural Vila Flor
Guimarães, Portugal

Entidades Organizadoras

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

lab2pt

CEGOT
Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

Parceiros

museu de alberto sampaio

MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

DRCULTURA NORTE

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:
COMPETE 2020
PORTUGAL 2020
UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528.

PNUM 2016
V Conferência
Rede Lusófona de Morfologia Urbana
Portuguese-language Network of Urban Morphology
Coordenação geral
Jorge Correia
Miguel Bandeira

Comissão Científica

Teresa Marat-Mendes (Presidente), ISCTE Instituto Universitário de Lisboa
Eneida Souza Mendonça, Universidade Federal do Espírito Santo
Frederico de Holanda, Universidade de Brasília
Jorge Correia, Universidade do Minho
Miguel Bandeira, Universidade do Minho
Nuno Norte Pinto, University of Manchester
Stäel Pereira da Costa, Universidade Federal de Minhas Gerais
Vítor Oliveira, Universidade do Porto

Comissão Organizadora (Universidade do Minho)

Cidália Silva
Ivo Oliveira
Jorge Correia
Maria José Caldeira
Maria Manuel Oliveira
Miguel Bandeira

Entidades organizadoras

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho
Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território
CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

Secretariado

Lab2PT

http://pnum2016.weebly.com

‘Os Espaços da Morfologia Urbana’

Atas da 5ª Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2016

E-book

Editor

Jorge Correia

Miguel Bandeira

Coordenação de conteúdos

Sandra Barbosa

Coordenação gráfica

Ivo Oliveira

Edição

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território

ISBN

978-989-99484-6-4

Bem-vindos ao PNUM 2016 em Guimarães!

A Rede Lusófona de Morfologia Urbana / Portuguese-language Network of Urban Morphology (PNUM) apresenta a sua quinta conferência internacional. Depois das edições no Porto, Lisboa, Coimbra e Brasília, em 2016 a Universidade do Minho e o PNUM lançam como tema geral 'Os Espaços da Morfologia Urbana' nas suas diferentes dimensões de investigação, ensino e prática. Entre os dias 15 e 16 de Julho de 2016, pretende-se fomentar um fórum inclusivo dos diversos agentes que participam no estudo, compreensão e discussão das múltiplas aplicações da morfologia urbana na esfera no universo lusófono.

A cidade de Guimarães proporciona a todos os participantes um cenário ideal para as temáticas propostas, oferendo no seu palimpsesto urbano marcas identitárias da sua formação medieval, evolução moderna, iluminista e liberal, bem como das mais recentes requalificações de espaço publico e reabilitação do seu tecido construído. Classificada como Património da Humanidade e recentemente protagonista da Capital Europeia da Cultura 2012, a cidade complementa os trabalhos de índole científica que se promoveram nas salas do Centro Cultural Vila Flor.

A preparação para o PNUM 2016 iniciou-se logo após a reunião em Brasília, um ano antes, estruturando-se em torno de nove eixos temáticos, a saber: 1. História da forma urbana; 2. Heranças patrimoniais e regeneração urbana; 3. Teoria da morfologia urbana; 4. Da cidade ao território; 5. Práticas e experiências didácticas; 6. Métodos e técnicas; 7. Agentes e processos de transformação; 8. Do plano ao projecto; 9. Espaço público e transformações recentes. A resposta à chamada para resumos foi muito encorajadora e uma selecção cuidada foi levada a cabo pela Comissão Científica. Os resumos aceites foram convidados a apresentar a sua comunicação em Guimarães, bem como a submeter o artigo completo para publicação nestas atas. Sendo opcional, publicam-se aqui todas as submissões voluntárias dos autores, organizadas por temas. O conteúdo de cada artigo é da total e exclusiva responsabilidade do(s) autor(es), incluindo direitos de imagem quando aplicável. Constitui-se como um repositório parcial das vinte e sete sessões que conformaram a conferência.

O PNUM 2016 manifesta o seu profundo reconhecimento a todos os que contribuíram para a sua realização, desde logo as suas comissões científica e organizadora, os monitores de sala e o secretariado. O agradecimento estende-se institucionalmente às entidades organizadoras - Escola de Arquitectura da Universidade do Minho; Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho; Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território; CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território - bem como aos parceiros: Município de Guimarães; Museu de Alberto Sampaio e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
Pessoalmente, o PNUM 2016 deixa uma palavra de gratidão aos professores Renato Leão Rego e Teresa V. Heitor, pela disponibilidade e excelência das suas palestras principais, bem como a João Cabeleira, Joel Dinis, Anabela Portilha e equipa do CCVF, e Lurdes Catalino e equipa da Abreu. Por fim, o agradecimento maior vai para todos os participantes que proporcionaram dois dias de intensa troca, comunicação e discussão em torno dos temas da morfologia urbana.

Muito obrigado pela participação no PNUM 2016!

Jorge Correia
Miguel Bandeira
Coordenadores PNUM 2016

SUMÁRIO

13 1. História da forma urbana

15 *O Pátio da Minha Cidade: Da antiguidade clássica ao contexto urbano atual.*
Mariana Neto

27 *O papel das vias romanas na formação e desenvolvimento periférico da cidade de Braga, desde a época romana até à atualidade.*
Maria do Carmo Ribeiro, Manuela Martins

39 *A Viagem de Cósimo III de Médicis. Imagem da cidade portuguesa de seiscentos, o caso de Santarém.*
João Cabeleira

51 *Paisagem Urbana do Núcleo de Povoamento da Ilha de Santa Catarina através de Representações Artísticas dos Viajantes.*
Marcia R. Escorteganha

63 *Implantação insular franciscana portuguesa antes do Brasil colonial: Funchal e Ponta Delgada.*
Isabel Norton

79 *A Morfologia Urbana das Vilas termais do Norte de Portugal: Gerês, Vizela, Pedras Salgadas.*
Isabel Matias

91 *Tecido urbano em crise: leituras de São João del-Rei / MG (1930 - 1945).*
Mariana Souza, Adriana Nascimento

103 *A rua de trás.*
Flavia Botechia

113 *A Cidade Interrompida: o processo de planeamento da cidade de Alcobaça, 1889-1957.*
Silvia Di Salvatore, Ana Tostões

127 *Geo-morfo-evolução de Setúbal e Évora: paralelismos e diversidades.*
Manuela Tomé, Maria Tereno, Maria Monteiro

141 *Vilas e cidades no Brasil Colônia.*
Lívia Vierno

151 *As Formas do urbano na cidade histórica em Galícia.*
Xose Lois Martínez Suárez

165 *Desenho e circunstância. Mário Bonito: Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar.*
Helder Casal Ribeiro

177 *Encontrar o futuro na história. O Plano de Urbanização de Guimarães (Fernando Távora, 1982).*
Eduardo Fernandes

189 *Cidades Limitadas? Análise Configuracional de Assentamentos Urbanos Murados.*
Marlysse Rocha, Valério Medeiros, Monica Gondim

203 2. Heranças patrimoniais e regeneração urbana

205 *Ofícios e Rios: uma análise da regeneração urbana nos bairros Olarias e Poti Velho em Teresina – Piauí.*
Ana Falcão, Ingred Sampaio, Vitória Alencar, Karenina Matos, Wilza Lopes

215 *Intervenção em centro urbano tombado buscando critérios estéticos para preservar a sua ambiência histórica.*
Fernanda Vierno

227 *Casa do Barro: Memória Viva da Olaria no Telhado, freguesia do Fundão.*
Rúben de Matos

235 *O Mercado Público de Laguna: Uma inserção atemporal na inconstância da Urbanidade.*
Tueilon de Oliveira

247 *Regeneração e re-funcionalização. Perspetivando o futuro do(s) território(s) ribeirinho(s) de Lisboa.*
Ana Nevado

259 *Morfologia urbana na zona ocidental intramuros da cidade de Évora (séc. XIII-XXI): do património à malha urbana.*
Maria Monteiro, Maria Tereno, Marízia Pereira

269 *Perspectivas urbano-paisagísticas de uma cidade ribeirinha na Amazônia: a presença do rio e dos espaços livres públicos no desenho da paisagem e da morfologia urbana de Afuá/PA.*
Vera Tângari, Rubens Andrade, Pedro Mergulhão

281 3. Teoria da morfologia urbana

283 *"The grand manner": a rede axial barroca e a concepção da forma urbana na Escola Francesa de Urbanismo.*
Ivvy Pessôa Quintella

295 *Morfologia, atractores e vida social. O impacto do espaço físico no modo como usamos a cidade: o caso do Bairro de Alvalade.*
Micaela Raposo, Luís Santos, Rafael Ferreira, Hugo Brito, Sara Eloy

307 *Fundamentos de Morfologia Urbana.*
Staël de Alvarenga Pereira Costa, Maria Manoela Gimmler Netto

317 *Limite Difuso. Sines, o Processo de Infraestruturação Industrial*
Andreia M. Tavares, Paulo Tormenta Pinto

327 *Leituras Morfotipológicas e os IGT`s.*
Filipa Corais

345 *Análise Morfológica quanto à Consolidação da Praça XV de Novembro na Paisagem Urbana de Florianópolis- Brasil.*
Marcia R. Escorteganha, Gilberto S. Yunes

361 4. Da cidade ao território

363 *Aspetos morfológicos da articulação com a frente de água em Lisboa.*
Rita Ochoa

375 *Favela como padrão de ocupação e produção habitacional.*
Eber Marzulo

385 *Crescimento Periférico e Periurbano em Itabirito-MG, Estudo de caso do Vetor Leste.*
Alfio Conti, Débora Meirelles

395 *O processo de difusão urbana no espaço perimetropolitano de Belo Horizonte, o estudo de caso do espaço regional entre Itabirito e Ouro Preto.*
Alfio Conti, María Florencia Sosa, Amanda Andrade

409 *Mudança do ambiente térmico em Guimarães (1984-2014): o impacte da urbanização difusa.*
Catarina Pinheiro, Maria Manuela Laranjeira, Miguel Bandeira

417 *A Dança das Densidades no Contexto do Crescimento Urbano.*
Maria do Rosário Jorge, Luís Vicente Baptista, João Pedro Nunes, Nuno Neves

427 *Implementação do estatuto das cidades em Cabo Verde: desafios e propostas de solução.*
Simão Varela

435 *Cidades do Litoral em Rede. Paraná (Brasil) e Algarve (Portugal)*
Jussara Silva, Mafalda Pacheco, Teresa Heitor

445 *Mobilidade acelerada: o hinterland entre Sines e Madrid.*
João Teixeira, Paulo Tormenta Pinto

455 5. Práticas e experiências didáticas

457 *Aplicação do método das escolas inglesa e italiana de morfologia urbana na análise das cidades históricas de Minas Gerais: o caso de Tiradentes.*
Larissa Bertu, Renata Pedrosa, Maria Cristina Teixeira, Marieta Maciel, Natália Achcar

467 *Transformação de um Vazio Urbano Romano numa Nova Urbanidade para Romanina.*
Tiago Rente, Alexandra Saraiva

477 *Além dos muros da Universidade: Intervenção urbana como forma de inclusão social - O caso da Comunidade da Margem da Linha em Campos dos Goytacazes/RJ.*
Antonio Godoy, Clarisse Luna, Carolina Barreto, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira

489 *A Cidade como experimentação criativa. Experimentação criativa um contributo para a literacia urbana.*
Mafalda Pacheco, Patrícia Lourenço, Teresa Heitor

497 *A Abordagem tipo-morfológica da Escola Muratoriana.*
Xose Suarez, Armando Fernandes, Adriana Vieira, Fernanda Gorghi

507 *Análise e modelagem da morfologia urbana em um contexto de Conservação Urbana.*
Fabiano Diniz, Ana Rita Sá Carneiro, Raphael Melo, Danielle Rocha

519 *As formas da cidade compacta: Investigação arquitetônica sobre quarteirão existente.*
Maria L. A. Sanvitto, Claudia P. C. Cabral

529 6. Métodos e técnicas

531 *Técnicas Morfológicas do Projeto Urbano.*
Paolo Marcolin

543 *Oficinas de morfologia urbana em cidades brasileiras.*
Silvio Macedo e Francine Sakata

557 *Análise da Lacunaridade Urbana em Cidades Brasileiras de Médio Porte.*
João Silva Júnior, Mauro Barros Filho, Jade Brito

571 *Espaço e vida urbana no Distrito Federal.*
Ana Paula Barros, Juliana Alvim

579 *As Relações Determinantes entre Urbanidade e Forma Urbana.*
Samira Elias Silva, José Nuno Beirão, Carlos Dias Coelho

589 *Como o espaço pode influenciar a rápida decisão sobre os percursos a tomar: o caso do Estádio Universitário de Lisboa.*
Tomás Amaral, Joana Sequeira, Renata Sousa, Sara Eloy

599 *Morfologia e Urbanidade em Margens de Corpos d'Água Urbanos.*
Michelle Benedet, Carlos Faggin

609 *A configuração das bordas metropolitanas da cidade de Curitiba/Brasil.*
Luciana Capistrano, Letícia Pacheco, Priscila Dill, Jussara Silva

619 *Análise configuracional da cidade de Sines. Contribuições para a sustentabilidade do planeamento urbano e território.*
Bárbara Lopes, Rosália Guerreiro

629 *Contributo da sintaxe espacial para uma metodologia de reconstrução virtual do património arquitetónico. O sítio da Esperança como caso de estudo.*
Ana Gil, Ana Tomé

641 *Instrumentos cartográficos no acompanhamento das modificações do uso do solo e no controle dos impactos ambientais: influências no planejamento territorial do Distrito Federal – DF - Brasil.*
Marly Santos da Silva

655 *A Reinterpretação do Movimento Moderno em Lúcio Costa e a sua Influência na Renovação Arquitetônica Lusitana na Primeira Metade do Séc. XX.*
Edgard Oliveira, Larissa Bertu, Stael Pereira Costa, Maria Netto

667 *O inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa e a Antropologia: um caso de transversalidade metodológica.*
Teresa Marat-Mendes, Maria Amélia Cabrita

679 *Crescimento Urbano: Relações críticas entre sistemas de serviços urbanos, consumidores e seus reflexos no crescimento da cidade.*
Decio Bevilacqua, Romulo Krafta

689 *Tecido urbano do Distrito da Mooca. Um estudo de tipos.*
Adilson Macedo, Maria Isabel Imbronito

703 *(Cidade) Real: Estudo do processo de formação do Bairro Alto das Mercês, São João del-Rei/MG.*
Marcelo Silva, Adriana Nascimento

713 7. Agentes e processos de transformação

715 *Apropriação dos Espaços Livres e Agentes Transformadores em Vargem Grande - Rio de Janeiro/RJ.*
Julia R. Bahiana, Victória F. R. Carvalho, Nathália R. B.Costa, Vera R. Tângari

727 *Na fonte das cidades, as águas e as pessoas: a experiência do projeto Parque Capibaribe no bairro das Graças (Recife, Brasil).*
Fabiano Diniz, Danielle Rocha, Werther Ferraz e Anna Karina Alencar

737 *Reconhecimento e Categorização Tipológica dos sistemas de Espaços Livres. O Estudo de Caso de Guaratia – RJ.*
Mariana Moreira, Bruno Mendonça, Vera Tângari

751 *Sistema de espaços livres e urbanidade em uma cidade média brasileira: Araguari, Minas Gerais.*
Lucas de Oliveira, Eugenio Queiroga

761 *Repensando a cidade informal: a regulação da forma urbana e suas repercussões Socioespaciais.*
Mariana Costa Lima

771 *Algumas considerações sobre o papel do Desenho Urbano na evolução e controlo dos tecidos urbanos: Bairro Alto, um caso de estudo.*
Beatriz Ribeiro, Teresa Marat-Mendes

785 *Estrutura morfológica da grande cidade brasileira.*
Eugenio Queiroga, Silvio Macedo

795 *A rua Primeiro de março e a centralidade na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise urbanística.*
Leonardo Pereira

805 *Transformação na Forma Urbana Brasileira – Estudo de Dois Centros Urbanos.*
Rafael Pegoraro, Silvio Macedo

817 *Cidade como Universidade, Universidade como Cidade: A morfologia do recinto universitário.*
Luísa Cannas da Silva, Teresa Heitor

827 *Algumas questões teóricas sobre a produção imobiliária privada urbana.*
Hugo Louro e Silva, Candido Malta Campos

835 *Morfologia e Propriedades Topo-Geométricas dos Condomínios Horizontais da Cidade de João Pessoa, Brasil.*
Alexandre Castro, Anneliese Lira, Paulo Vítor Freitas

849 *A cidade entre edifícios. Reflexão sobre meio século de mudanças num conjunto habitacional modernista.*
Jorge Gonçalves, Luís Carvalho, João Rafael

859 *A produção do espaço urbano de Toledo-PR a partir da instalação do Frigorífico Pioneiro S/A: aspectos do planejamento municipal.*
Sabine Campos, Sílvia Pereira

871 *Brasília: Paisagem Urbana Contemporânea.*
Sidney Vieira Carvalho

883 *O uso de novos meios nos processos de planejamento urbano participativo.*
Daniel Cardoso, Vítor Meneses

895 *Gestão Pública, Planejamento Urbano e Desigualdade Socioespacial em Salvador/ Bahia – Brasil.*
Joilson Cruz da Silva

907 *O desenvolvimento dos caminhos-de-ferro em Portugal e no Brasil: Uma análise comparativa e morfológica dos territórios atravessados por estas infraestruturas.*
Inês Isidoro, Teresa Marat-Mendes, Vera Regina Tângari

919 *Os processos de transformação urbana em Campos dos Goytacazes/RJ: desdobramentos do Programa Habitacional Morar Feliz.*
Aline Rangel, Antônio Godoy, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira, Lucas França

931 *Vilas Piscatórias Algarvias Análise da Evolução Urbana.*
Sofia Ribeiro, Teresa Heitor

945 *Processo de produção e transformação da forma urbana em cidades costeiras brasileiras.*
Denio Benfatti; Vera Tângari

957 *O processo de transformação da vila de pescadores da Praia do Forte.*
Ariadne Silva, Gabriella Faria, Márcia Mello

965 *As narrativas de uma paisagem: da urbanística de colina à verticalização do centro histórico de Vitória (Brasil).*
Martha Campos, Fabiano Dias

983 8. Do plano ao projecto

985 *Do plano à prática: a realidade do transporte cicloviário em Teresina, Piauí.*
Amanda Luz, Ylana Oliveira, Karenina Matos, Wilza Lopes

997 *A integração de métodos de zoneamento no desenvolvimento de parâmetros de desenho urbano para a agricultura urbana.*
Natália Lemos, Emília Rutkowski, Evandro Monteiro

1011 *Densidade, Dispersão e Forma Urbana: Dimensões e Limites da Sustentabilidade Habitacional no Brasil.*
Geovany J. A. da Silva, Samira Elias Silva, Carlos Alejandro Nome

1023 *Outorga onerosa e o avanço do papel da administração pública nas novas legislações urbanas no Brasil: estudo de caso em São Paulo e Belo Horizonte.*
Rafael Araújo, Maria Cristina Teixeira

1031 *Análise Espacial do Grande Conjunto de Alvalade: O Planeado e o Construído.*
Israel Guarda, Valério de Medeiros

1045 *Uma Avenida Moderna: planos e projetos de Alberto Pessoa para a Infante Santo.*
Tiago Farinha, Ana Tostões

1057 *Forma e Utopia. Os lugares modernos da Arrábida e da Afurada nas expansões urbanas entre Porto e Gaia.*
Diana Almeida Silva

1077 *O projeto como planejamento - Estudos e Relatórios de Impacto de Vizinhança na Cidade do Rio de Janeiro.*
Andrea Queiroz Rego

1087 *Desconstrução da paisagem tecnológica até ao solo natural no Vale do Ave.*
André Chaves

1097 9. Espaço público e transformações recentes

1099 *A qualidade socioambiental dos espaços públicos em bairros habitacionais.*
Karla Conde, Silvia Pina

1111 *Aportar à Beira-rio: o contributo do novo Museu dos Coches a Belém.*
Nuno Tavares da Costa

1121 *Projeto de espaço público: um processo de mediação. Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas.*
Marta Labastida, Joel Dinis, Marisa Fernandes

1131 *Da Cidade à Metápole: os Efeitos da Configuração Territorial e da Morfologia Urbana nos Espaços Públicos e na Vida Urbana.*
Milton Esteves Jr., Maria Candelária Lacherre, Claudia Emperatriz Diaz Garcia

1143 *Os espaços livres públicos e a forma urbana no Vetor Oeste da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – Brasil.*
Marieta Maciel, Natália Achcar, Mirelli Medeiros, Priscila Schiavo, Mariana Lima, Renata Ribeiro

1155 *A Cidade sustentável como produto do marketing territorial. Soluções de mobilidade urbana no caso do Porto Maravilha – Rio de Janeiro.*
Maria do Carmo Bezerra, Laysa Abchiche, Artur Rocci

1169 *Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade deTeresina, Piauí, Brasil.*
Amanda Miranda, Sandra Medeiros, Karenina Matos, Wilza Lopes

1179 *Avaliação dos Desempenhos das Formas Urbanas e dos Modos de Uso e Apropriações dos Espaços Públicos Gerados pela Implantação das Estações de Metrô do Município de São Paulo.*
Kazuo Nakano, Paulo Ferrara Filho, Helena Degreas, Paula Katakura

1189 *Espaço Urbano, Pessoas e suas Relações.*
Ainara Fialho, César Guglielmelli, Gabriel Santos, Maxwell Rodrigues, Sarah Pinheiro, Stela Gomes, Thaiza Alves, Luciana Resende

1197 *Padrões Espaciais e Vida Pública: Contributo para o estudo de gentrificação no Bairro Alto.*
Juliana Inácio, Rosália Guerreiro

1207 *O Papel do espaço público na era digital e sua contribuição para a sociabilidade.*
José de Souza Gomes Júnior, Laini de Souza Santos

Projeto de espaço público: um processo de mediação. Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas.

Marta Labastida,

Lab2Pt, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Centro de Estudos Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Campus de Azurém 4800-058 Guimarães. tel.+351 253 510 541

cestudos_taipas@arquitectura.uminho.pt

Joel Dinis,

Centro de Estudos Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Campus de Azurém 4800-058 Guimarães. tel.+351 253 510 541

cestudos_taipas@arquitectura.uminho.pt

Marisa Fernandes

entro de Estudos Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Campus de Azurém 4800-058 Guimarães. tel.+351 253 510 541

cestudos_taipas@arquitectura.uminho.pt

Resumo

Qualquer projeto de espaço público implica uma revisão do seu significado e a sua representação. Por um lado mudam os paradigmas, as exigências e as relações com a envolvente próxima; por outro lado, assume-se uma proposta com o propósito de antecipar aquilo que deverá ser um lugar de encontro e referência no futuro. Entre a mudança e a antecipação, como captar a sua vocação colectiva? Como garantir a sua apropriação desde a heterogeneidade dos seus utentes? Não é suficiente aclamar novas formas, repetir modelos de sucesso, contextualizar para fixar o passado nem defender programas que exaltem o espaço público como solução genérica. É necessária uma posição crítica desde a qual questionar e preparar um espaço onde acolher, em simultâneo, a memória e as novas aspirações colectivas, isto é, onde promover uma participação aberta desde o reconhecimento da sua própria especificidade. Esta posição afirma-se enquanto mediação, entre o existente e o possível, entre as condições físicas e o imaginário; que compreende as relações mais ou menos apagadas e que intui as emergentes. Uma mediação que não inicia nem acaba nada, mas que interfere para preparar e ativar novas formas de apropriação.

Usaremos como caso de estudo o Projeto de Requalificação do Centro Cívico das Taipas, em Guimarães, que está a ser desenvolvido no Centro de Estudos da Escola de Arquitetura na Universidade do Minho.

O centro das Taipas está formado por um conjunto de espaços resultantes de uma sucessão de intervenções ao longo do tempo deixando signos que remetem para uma memória alargada. Atualmente, apresenta certo abandono e um desenho resultante de um pragmatismo que favorece claramente a circulação do automóvel. Como identificar o novo centro? Como recuperar a sua memória sem cair numa excessiva contextualização? Como implicar os utentes/visitantes na sua requalificação? Até que ponto é um ato colectivo?

Apresentamos a proposta para as Taipas (ainda numa fase inicial) desde a sua capacidade para compreender e estimular relações existentes e novas; para reconhecer na especificidade do lugar a possibilidade de transformação; para produzir indícios que ativem múltiplas leituras; em definitivo, para promover uma participação aberta da construção do espaço coletivo. Este processo de mediação inicia-se numa descodificação do lugar reconhecendo na interpretação das suas preexistências as oportunidades de intervenção e antecipando algumas das ações concretas para a sua implementação.

Palavras chave

Mediação, espaço público, requalificação e projecto.

Qualquer projeto de espaço público implica um exercício de revisão do seu significado e da sua representação. Se por um lado mudam os paradigmas, as exigências e as relações entre o colectivo e a sua envolvente; por outro lado, toda intervenção assume o propósito de (re)negociar o passado e o presente para preparar o futuro. Entre a mudança necessária e a antecipação implícita, **como captar a vocação colectiva do projeto de espaço público**?

Seguramente não é suficiente aclamar novas geometrias, repetir modelos de sucesso, contextualizar para fixar uma nostalgia, nem defender programas que exaltem a solução genérica. Reclamamos a necessidade de uma posição crítica e transversal desde a qual construir um suporte capaz de acolher a memória e, em simultâneo, promover a participação aberta desde o (re)conhecimento da especificidade de cada lugar e do seu colectivo.

Esta posição define o **projecto enquanto mediação** entre aquilo que existe e o possível, entre as condições físicas e um imaginário ficcionado, entre a representação local e as aspirações genéricas. Isto é, o projecto passa a ser um processo de aproximação e deslocação que compreende as relações mais ou menos apagadas e que intui as emergentes; que não inicia nem acaba nada, mas interfere para ativar novas formas de apropriação. Este processo mantem a sua condição aberta, seja por relacionar-se diretamente com a dinâmica própria de qualquer lugar, seja pela necessidade de questionar constantemente as formas de o habitar; mas, sobretudo, pela **especificidade** de cada lugar que obrigará a **inventar**, em cada caso, uma **construção provisória**, pelo que não pode considerar-se sob princípios únicos.

Esta abordagem aberta e instável fragiliza a noção do espaço público tantas vezes defendida no âmbito do desenho urbano ou do planeamento como objecto finito, forte, estruturado, identitário e permanente. Porém, introduz a oportunidade de o pensar e construir como suporte integrado que aproveita hábitos, que ensaia vocações ambíguas, que promove a promiscuidade entre domínios público e privado e que estimula novas relações entre atividades de distinta natureza e escalas.

Para defender esta posição, apresentamos como caso de estudo o Projeto de Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas[1] que visa entre os seus principais objectivos compreender e estimular relações existentes e novas; reconhecer na especificidade do lugar a possibilidade da sua transformação; recolher e produzir indícios que ativem múltiplas leituras e, promova uma participação aberta e alargada da construção do espaço coletivo.

Actualmente o centro da Vila das Taipas caracteriza-se por um conjunto de espaços resultantes da sobreposição de uma sucessão de intervenções e apresenta um certo abandono – **abandona-se também o espaço público?** Como (re)qualificar desde a (re)definição de uma nova centralidade integrada? Como recuperar a sua memória sem cair numa excessiva contextualização? Como implicar os utentes na sua (re)apropriação?

A proposta responde com uma metodologia focada num processo de aproximação contínuo baseado na recolha de indícios do lugar e a especulação através da construção de uma narrativa que visa tornar operativas as oportunidades descobertas no lugar (**Figura 1**).

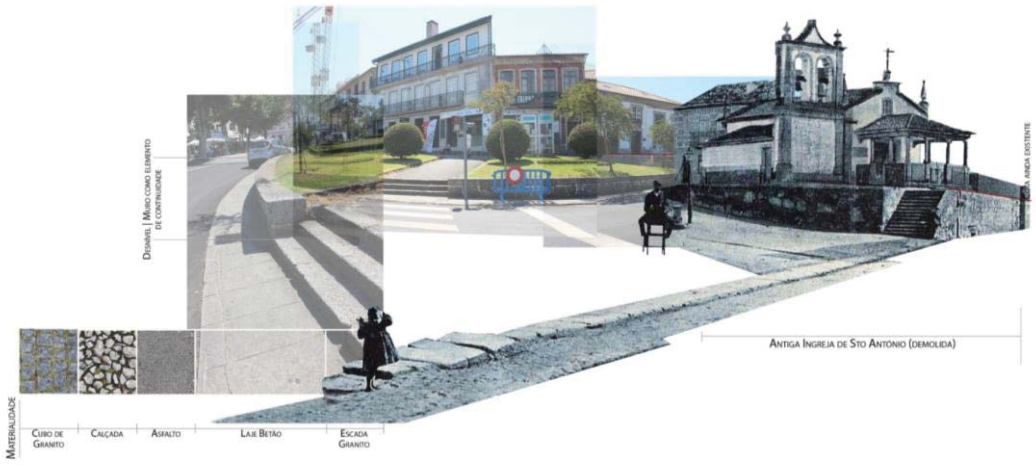

Figura 1. Reconstrução de memórias encontradas no lugar.

Assim o projecto sintetiza-se em três pontos fundamentais de intervenção que de forma transversal questionam particularidades encontradas. Em primeiro lugar **expande-se a dimensão e a posição** do centro desde a compreensão da versatilidade e da complementaridade entre espaço e hábitos; em segundo lugar **recupera-se uma memória** material - a água - desde a sua própria condição topográfica

1 O caso de estudo do Projeto de Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas, em Guimarães está a ser desenvolvido no Centro de Estudos da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

ou enquanto elemento estruturante e compositivo de espaço; e em terceiro lugar, identifica-se a **manutenção como processo necessário de apropriação** integrado que assume uma continuidade no tempo.

> *Esta idea paradójica la encontramos también en la frase de Peter Handke: "empezó algo que ya estaba allí", puesta de relieve en varios de mis proyectos con la intención de sugerir una torsión de la atención hacia el lugar y una inversión de la prioridad que habitualmente se otorga a un programa. Sin embargo la atención a lo que estaba allí no significa rechazar toda modificación y no implica ni nostalgia ni vuelta atrás ni, sobre todo, una integración cualquiera en el contexto.(…) Esta actitud tiene solo un valor relativo y circunstancial. (…) Circunstancial porque pretende acentuar lo que durante demasiado tiempo ha estado olvidado y trabajar con ello. Es una postura de vigilia, que intensifica contrastes y quiere mostrar posibles.*[2]

(Re)posicionar e (re)dimensionar o centro da Vila das Taipas

Ao longo da história o espaço central da Vila das Taipas tem sofrido alterações adaptando-se em cada ocasião às aspirações e funções procuradas pela povoação. O resultado traduz-se num conjunto de marcas sobrepostas e espaços desarticulados; mas também, numa **diversidade** com um elevado potencial. O projecto pretende integrar esse potencial numa **continuidade que assuma e articule as diferenças**, **que incorpore o seu uso quotidiano**, **que recupere a memória** e ao mesmo tempo que **prepare aspirações futuras.**

Da evolução histórica da Vila das Taipas, concluiu-se que o centro foi-se deslocando entre distintos espaços. Todos eles coincidiam por ser cruzamento de caminhos ou vias e pela presença de uma capela ou Igreja. Hoje a definição do seu centro é um pouco mais ambígua. Se por um lado o antigo espaço central mantém algumas das suas características, sem a presença da capela mas com concentração de comércio e grande intensidade de circulação; por outro, um conjunto de serviços e equipamentos públicos deslocaram-se para um novo cruzamento. Existe entre eles uma nova coincidência, os cruzamentos tornaram-se espaços desenhados para facilitar a circulação do automóvel passando a ser eixos rodoviários mais do que espaços com vocação de reunião ou representação. **Como (re)posicionar o novo centro?** (**Figura 2**)

2 Descombes G (2007) *Una arquitectura en el paisaje*. Em Maderuelo J(ed.); *Paisaje y Arte*, Madrid, Abada, 232-233



Figura 2. Uma nova centralidade a partir da proximidade.

A proposta entende que uma nova geometria não é suficiente. Considera-se necessário questionar a posição e, nomeadamente a dimensão da nova centralidade, optando-se por uma distância capaz de articular o conjunto existente e incorporando alguns espaços estruturantes e representativos das Taipas como são as termas e a praia fluvial. Esta medida será considerada a partir do acto de caminhar. Determina-se assim um núcleo concêntrico de influência com distâncias entre os 50 e os 500m - o equivalente a 5 minutos a pé - que permite dimensionar uma centralidade desde o conceito de proximidade.

A definição do espaço central expande-se do seu próprio âmbito físico (âmbito de intervenção) para ser definido pela sua capacidade de articular relações próximas entre distintos eixos temáticos não diferenciados: lazer, comercial, termal, escolar... Não se trata de uma nova geometria nem de um desenho de chão, de uma praça, de um largo ou de uma avenida, mas sim de um centro cívico que distribui, agarra e estrutura a grande dimensão do espaço público existente; que incorpora as atividades

coletivas quotidianas e que estimula o caminhar como promotor da sua dimensão, definição e apropriação.

A proposta define assim um centro composto e articulado por um conjunto de espaços distintos com vocação própria: um que recolhe e atrai o fluxo pedonal (**Figura 3**) para se complementar com um espaço que distribui e promove distintos percursos albergando as funções mais representativas das Taipas. Estes espaços, complementados por jardins e alamedas, articulam a **nova dimensão e posição** do centro dando maior visibilidade aos equipamentos relevantes já existentes ao mesmo tempo que promovem o caminhar.



Figura 3. Apropriação do peão como nova dimensão do espaço público.

Confia-se que o frequente fluxo pedonal acabará por definir o espaço central da Vila das Taipas. Uma apropriação informal, distraída e habitual dará a dimensão certa desta nova centralidade.

> *"Rather, as Walter Benjamin has recognized, the meaning derived from landscape and architectural space is received "by a collectivity in state of distraction", slowly appreciating its symbolic environment through "habitual appropriation", or through every day use and activity. The experience of*

landscape takes time, and results from an accumulations of often distracted events and everyday encounters." [3]

Esta dimensão alargada oferece uma multiplicidade espacial seja pelas variáveis produzidas pela frequência de cada utente ou pela diversidade de espaços que atravessa. Mas também aproveita a diversidade de morfologias e matrizes ao percorrer os caminhos entrecampos, o caminho ribeirinho, retomando caminhos antigos que atualmente aparecem excessivamente desarticulados.

O principal objectivo do modelo de mobilidade proposto é retirar a função de cruzamento rodoviário em que tem vindo a converter-se o espaço central das Taipas para transformar-se num espaço que combina de forma clara e confortável o lazer, as atividades comerciais e os serviços promovendo um uso colectivo e o encontro de percursos pedonais evitando conflitos com o automóvel. Esta atitude beneficia uma maior intensidade de percursos escolares, de recreio e lazer de várias faixas etárias, nomeadamente para os mais novos ajudando a criar (recuperar) bons hábitos e práticas de usufruto deste centro cívico.

A nova dimensão e ambiguidade do centro encontra e identifica um conjunto de marcas de natureza diversa que remetem para a memória do lugar: uma fileira de árvores, a reabilitação de um fontanário, uma grade que se replica, uma cota que se mantém, suporte da capela desaparecida... Pistas deixadas no lugar que levam cada utente a reconstruir a sua própria narrativa. Uma forma de participação aberta que estimula uma leitura ativa mas que não resolve de forma explícita nem contextualiza de forma direta.

Uma topografia determinante (ou condicionante): recuperar a água como memória e estrutura do lugar

Como ponto de partida o projeto de Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas visa promover a urbanidade de um espaço público deteriorado cujo carácter e memória mais relevante advém da presença do recurso hídrico. Este recurso é identificado pela presença conjunta das águas termais que na sua proximidade ao Rio Ave e ao seu afluente, a Ribeira da Canhota, conformam um ecossistema específico potencialmente interessante do ponto de vista ambiental e patrimonial.

A proposta assume que a nova qualidade do Centro Cívico deve partir do entendimento de recuperar a importância do recurso hídrico preexistente e no seu papel estruturante no espaço, na memória e no património colectivo. A água ganha um novo protagonismo seja pela sua gestão, pelas condicionantes que determina ou pela sua capacidade de definir o espaço.

3 Corner J (2002) *Representation and landscape*. Em Swaffield S *Theory in landscape. A Reader*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 148. (Texto original, *Representation and landscape: Drawing and Making in the Landscape Médium*. Em *Word & Image* 8, n3 1992.243-275)

A proximidade ao Rio Ave, às suas margens e ao frequentado parque de lazer é considerada uma das premissas para a nova configuração do espaço central que, favorecendo a circulação pedonal, torna mais visível e confortável a contiguidade e complementaridade entre a Vila e o Rio. O rio Ave e a praia fluvial das Taipas foram sempre espaços associados à memória do lugar mas é no próprio centro da Vila onde o recurso hídrico (re)aparece para organizar e estabelecer novas relações.

A principal aposta é a recuperação da Ribeira da Canhota na sua passagem pelo âmbito de intervenção. Esta recuperação baseia-se, fundamentalmente, em retornar à superfície esta linha de água compatibilizando a sua presença com a definição de espaços de qualidade urbana e de uso público definindo um percurso que conecta as termas antigas com os banhos novos e que atravessam campos de cultivo até chegar ao Rio.

O conjunto dos espaços associados à Ribeira estão preparados para mitigar ocorrências das inundações causadas pelas crescidas pontuais do Rio Ave, mas também absorver os processos de regularização de caudal da própria ribeira, sendo um espaço capaz de gerir estas diferenças sazonais e normais em qualquer sistema natural.

Com a recuperação da Ribeira e garantindo a sua continuidade desde o centro da Vila das Taipas até ao Rio Ave, estabelecem-se novas relações entre a urbanidade, as práticas agrícolas, o ócio, as margens ribeirinhas... articulando no quotidiano e nas atividades de lazer sazonais espaços de ambientes e lógicas de natureza distinta. Desta forma valoriza-se o contacto e a sensibilização ecológica, simbólica e colectiva do lugar a partir da diversidade e promiscuidade entre matrizes e morfologias (**Figura 4**).



Figura 4. Uma topografia estruturante: o sistema hídrico como suporte de relações.

Ao longo do âmbito de intervenção a água (re)aparecerá com várias formas e funções: quer como fontanário, quer como espelho ou canalizada pela recolha superficial das águas pluviais...Trata-se de uma permanência que circula, brota ou simplesmente deposita-se, um recurso visível na composição e na gestão do novo desenho do centro cívico da Vila das Taipas.

Complementar à presença da água a permeabilidade do solo aparece como condição permanente do centro das Taipas. Salvaguardar esta condição tão rara nos centros urbanos, será uma condicionante a preservar, uma premissa que determinará não só o desenho como também a sua funcionalidade.

Dos elementos vegetais/arbóreo à importância da manutenção

A presença das árvores repartidas pelo centro das Taipas marca claramente a configuração dos seus, permitindo uma leitura homogénea do conjunto. Existe uma variedade limitada de espécies arbóreas plantadas e a sua distribuição segue alguns critérios claros com algumas exceções. Porém, quando se observa exemplar a exemplar, revela-se um estado bastante deteriorado e decrépito que responde, na maior parte dos casos, a más práticas na sua manutenção e más condições de plantação. **Qual é a capacidade real de manutenção e qual é o seu custo?**

A manutenção é considerada um princípio necessário para garantir uma continuidade do processo de apropriação colectiva do lugar. Por este motivo, assume-se não só uma escolha de materiais adequados e resistentes às condições de uso do espaço como se define um plano de manutenção integrado.

A proposta incorpora um plano de plantação e gestão integrada de novos exemplares arbóreos que será implementado de forma paulatina. Isto é, um processo de plantação e substituição que visa determinar o momento e as condições mais adequadas de forma a sensibilizar os utentes e gestores do próprio espaço. Um laboratório aberto e público que explica as dificuldades e custo de manutenção, que implica possíveis interessados a partilhar responsabilidades.

Entendemos que deve ser gerada uma sensibilidade perante as espécies vivas que ocupam o espaço público (**Figura 5**), convidando distintos agentes para participar: desde as escolas, às instituições de formação específica e profissionais, uma oportunidade de boas práticas que expliquem o processo e melhorem as exigências e condições de desenvolvimento dos exemplares.

Este projeto considera-se uma oportunidade para exemplificar e aplicar uma gestão ambiental integrada que não termine na definição de uma proposta formal, promovendo uma gestão e rotinas dos habitantes traduzidas numa participação ativa de apropriação e manutenção dos recursos. Um projeto aberto que se pretende maleável e adaptável conforme novas necessidades e aspirações colectivas.



Figura 5. Continuidade da massa arbórea no espaço e no tempo. Necessidade de uma gestão integrada.

A proposta garante uma **continuidade** entre eixos, água e alamedas, mas também incorpora o tempo e as suas marcas; uma **centralidade** que articula e distribui para os distintos espaços e equipamentos mas também integra a atividade do caminhar; e uma **especificidade** aproveitada que destaca as diferenças e torna único o lugar.

A participação colectiva esperada desta intervenção resulta da própria concepção enquanto processo aberto, não finito, propondo condições e usos que estimulem variações da leitura e apropriações do lugar. Assim, a nova centralidade nasce de uma estratégia fundada na versatilidade do seu desenho de forma que os taipenses definam a sua própria dimensão, interpretem as suas memorias e estabeleçam a sua gestão.

Referências bibliográficas

Corner J (2002) *Representation and landscape*. Em Swaffield S *Theory in landscape. A Reader*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia (Texto original, *Representation and landscape: Drawing and Making in the Landscape Médium*. Em *Word & Image* 8)

Descombes G (2007) *Una arquitectura en el paisaje*. En Maderuelo J(ed.); *Paisaje y Arte*, Abada, Madrid.



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais



